

# FONTES PARA UMA HISTÓRIA DO PAISAGISMO: GLAZIOU NA COLEÇÃO FOTOGRÁFICA DO IMPERADOR

Ana Pessoa

**RESUMO:** Este artigo pretende relatar a elaboração do site *Glaziou, o paisagista do Imperador*, pela Fundação Casa de Rui Barbosa e a utilização dos registros fotográficos que integram a coleção organizada por D. Pedro II e doada à Biblioteca Nacional, “Coleção D. Thereza Christina Maria”, hoje registrada pela UNESCO no Programa Memória do Mundo, como patrimônio da humanidade.

**PALAVRAS-CHAVE:** coleções fotográficas; Casa de Rui Barbosa; Auguste Glaziou; paisagismo.

**ABSTRACT:** *This paper aims to report the development of the site Glaziou, the emperor’s landscape designer, by Fundação Casa de Rui Barbosa, and the use of photographs that make up the collection organized by D. Pedro II and donated to Brazilian National Library, “Coleção D. Thereza Christina Maria”, that is now registered by UNESCO in the program Memory of the World as a World Heritage Site.*

**KEYWORDS:** *photographic collections; Casa de Rui Barbosa; Auguste Glaziou; landscaping.*

Este artigo versará sobre os registros das principais obras do paisagista Auguste Glaziou que integram a coleção do imperador D. Pedro II e sua aplicação no site *Glaziou, o paisagista do Imperador*, organizado pela Fundação Casa de Rui Barbosa, lançado em abril de 2009. O site contou com a parceria da Biblioteca Nacional, detentora dessa coleção fotográfica, e de outras instituições e pesquisadores relacionados ao tema.

A iniciativa do site se deu no âmbito do grupo de pesquisa multidisciplinar “Museu casa: memória, espaço e representações”,<sup>1</sup> cujos investimentos no campo paisagístico se apoiam no fato de o Museu Casa de Rui Barbosa, edifício de grande valor histórico e artístico, tombado pelo IPHAN, estar situado em meio à área originária das antigas chácaras de Botafogo, onde podem ser observados vestígios de suas sucessivas ocupações ao longo do século XIX. Uma das características marcantes do jardim é o conjunto de artefatos paisagísticos de “estilo romântico” – pontes, caramanchões, rocalhas e quiosque, introduzido no final da década de

---

1 Grupo de pesquisa interdisciplinar voltado para o estudo do Museu Casa de Rui Barbosa, com sua tipologia peculiar, tendo como referência os campos da museologia, artes decorativas, arquitetura, urbanismo e arqueologia, na perspectiva de sua preservação integrada.

1870,<sup>2</sup> que o consagram como um dos raros exemplares sobreviventes dessa voga. Esse modelo de “jardim romântico”, também denominado “jardim paisagista” ou “jardim rústico”, ainda que já praticado no país por outros profissionais,<sup>3</sup> foi publicamente consagrado por intermédio das obras de Auguste François Marie Glaziou (1833–1906), botânico francês que aqui chegou em 1858, para atuar intensamente por trinta e cinco anos na construção e reforma de jardins e parques.

A trajetória do paisagista teve como contexto a expansão das grandes cidades e a introdução, no decorrer do século XIX, de um novo conceito urbano, apoiado em critérios de higienização, funcionalidade e embelezamento. Segundo esses novos preceitos, há a valorização das áreas verdes e a implantação de parques e jardins sob a influência do modelo inglês, onde se adotam caminhos sinuosos que escondem recantos pitorescos e privilegiam pontos de vista diferentes, entre lagos, pontes, caramanchões, pavilhões, estufas e esculturas.

Em âmbito doméstico, estabeleceu-se nesse período o culto do jardim, provocando o surgimento de novos campos profissionais, como os serviços de jardineiros e floristas, e o comércio de produtos relacionados, por meio de lojas especializadas que vendem não somente sementes e plantas nacionais e importadas, mas ainda ornamentos para atender às demandas de decoração das áreas privadas.

Dada a importância de Glaziou para a implantação do paisagismo no Brasil, a Fundação Casa de Rui Barbosa considerou oportuno dedicar-lhe um site para melhor divulgação de suas iniciativas.

O site *Glaziou, o paisagista do Imperador* foi estruturado em quatro seções: Resumo biográfico, Cronologia das realizações, Principais projetos do paisagista e Referências, onde reúne indicações de sites, livros, artigos e documentos.

Em “Resumo biográfico” estão comentados os principais aspectos da carreira de paisagista. Glaziou formou-se em Engenharia Civil na França, estudou botânica no Museu de História Natural de Paris, onde aprofundou seus conhecimentos em agricultura e horticultura; já na capital do Império brasileiro, ocupou os cargos de Diretor dos Parques e Jardins da Casa Imperial e Inspetor dos Jardins Municipais, além de integrar a Associação Brasileira de Aclimação. Seus postos e sua ligação

---

2 Essa configuração é resultado de ampla reforma promovida na propriedade pelo comendador português Albino de Oliveira Guimarães, que a ocupou de 1879 a 1880. O pesquisador Miguel Gastão da Cunha atribuiu essa configuração a Glaziou em seu artigo “O extraordinário Glaziou”, em *Leituras Paisagísticas* 2. Não há, porém, nenhum documento que comprove essa participação, sendo que esses artefatos já eram corriqueiramente utilizados pelos demais profissionais da época.

3 Já em 1847, o jardineiro Jean Baptiste Binot anunciava seus serviços para “cultura e conservação de jardins” e oferecia uma coleção de riscos de jardim no “gosto antigo e moderno” (*Almanak Laemmert*, 1847, p. 394).

com o Imperador lhe permitiram estar ligado à maior parte dos projetos paisagísticos promovidos na Corte durante o Segundo Império, como a reforma do Passeio Público, da Quinta da Boa Vista e do Campo de Santana. Além dos jardins e parques públicos, Glaziou realizou também obras para particulares, como os jardins da residência das princesas imperiais, da família do Barão de Nova Friburgo, do Barão de Mauá, no Rio de Janeiro, e de Tavares Guerra, em Petrópolis, e da família Silva Prado, na capital paulista.

Na seção “Cronologia” estão relacionados os principais momentos da trajetória do paisagista e das práticas do paisagismo no Brasil, como o início da seção “jardineiros e floristas” no *Almanak Laemmert*, em 1847, a inauguração do Passeio Público reformado, em 1862, a criação da Associação Brasileira de Aclimação, em 1872, a inauguração do Campo da Aclamação, em 1880, e a participação do Brasil na Exposição Universal de Paris, em 1889. Outra participação destacada é da Comissão de Estudos do Planalto Central do Brasil, chefiada pelo astrônomo belga Dr. Louis Cruls, diretor do Observatório Nacional, que demarca a área do futuro Distrito Federal. Aposentado, Glaziou retornou à França, indo viver nas cercanias de Bordeaux, onde faleceu em 30 de abril de 1906.

Contudo, a seção de maior originalidade e interesse foi a dedicada às principais obras de Glaziou: a reforma do Passeio Público, os jardins da Quinta da Boa Vista e o Campo de Santana, atual Praça da República. Realizações de grande relevância não só paisagística como social, que envolviam não somente a representação de pujança e modernidade do Império, como o gosto e o interesse do próprio D. Pedro II. O site apresenta uma seleta dos registros obtidos da coleção fotográfica do imperador, acompanhada da planta de cada sítio.

Em meados do século XIX, a fotografia havia conquistado no Brasil o espaço ocupado pelas técnicas anteriores de impressão e reprodução iconográfica no cotidiano das elites urbanas, em jornais, revistas ilustradas, produtos e retratos. Sua aceitação deve muito ao precoce interesse do jovem D. Pedro II que, já em 1840, com pouco mais de 14 anos, adquirira um equipamento de daguerreotípia.<sup>4</sup> No campo estético, ele tenderia para a produção visual pautada na objetividade e centrada em temas ligados à representação do entorno, colocando o “realismo” fotográfico e a pintura de paisagem no mesmo patamar dos gêneros mais tradicionais da pintura, como aquela de temas históricos (CHIARELLI, 2005, p. 83).

Esse interesse pelo invento o levaria a organizar uma grande coleção fotográfica, composta por cerca de 23.000 fotografias, doada à Biblioteca Nacional, e

---

4 Processo em que a imagem obtida na câmara escura era aplicada ao cobre e fixada em uma película.

denominada, a seu pedido, “Coleção D. Thereza Christina Maria”, em homenagem à Imperatriz. A coleção é composta por todos os tipos de imagens: retratos, paisagens, vistas urbanas, fotografias de monumentos, astronomia, biologia e zoologia.<sup>5</sup> Trata-se da maior doação já recebida pela Biblioteca Nacional, registrada pela UNESCO no Programa Memória do Mundo, como patrimônio da humanidade.

A coleção foi formada por meio da contratação de profissionais, sendo que a alguns deles foi concedido o título de “Fotógrafo da Casa Imperial”, e pela aquisição de fotografias estrangeiras, em especial durante as viagens do Imperador ao exterior. Em tais viagens, além de comitiva de especialistas e cientistas, o Imperador levava também um fotógrafo, responsável por registrar sua presença nos diversos lugares visitados.

Os primeiros profissionais do novo invento no país foram viajantes estrangeiros. Alguns percorriam diversas cidades e seguiam para o sul, em direção a outros países da América do Sul, já outros se estabeleceram por um período e alguns poucos chegaram a se fixar por toda vida. Os primeiros estúdios fotográficos da corte se situavam no centro da cidade e eram voltados para retratos posados.

A estabilidade econômica e social propiciou muitas alterações urbanas, beneficiadas também pela inversão dos capitais do tráfico negreiro em iniciativas imobiliárias. A cidade passa a ser palco de melhorias de infraestrutura, com a implantação de serviços de iluminação, rede de água e esgoto, calçamento, alargamento e arborização de ruas, implantação de praças públicas e da construção de edificações majestosas.

A partir de 1860, com a consolidação do processo de copia sobre papel albuminado, a fotografia passou a ser um importante meio de divulgação das vistas brasileiras: “tornou-se mais fácil o oferecimento aos visitantes de outros países ou de outras províncias de vistas avulsas e álbuns contendo a imagem e semelhança das principais construções e logradouros da Corte, assim como de suas muitas belezas naturais” (VASQUEZ, 2002, p. 14).

Os projetos paisagísticos de Auguste Glaziou se inserem nesse contexto de modernização e promoção do imaginário do Império, e foram registrados por importantes fotógrafos da época.

---

5 Segundo *Biblioteca Nacional* (1987), a coleção teria sido classificada nas seguintes categorias: a) álbuns e fotografias avulsas das viagens de Suas Majestades ao exterior em 1871, 1876, 1888; b) álbuns e fotografias avulsas do Brasil – não só as adquiridas pelo Imperador, como também as graciosamente oferecidas por ocasião das viagens que empreendeu aos vários rincões do Império; c) álbuns e fotografias avulsas de acontecimentos históricos e/ou marcantes no desenvolvimento e progresso do país; d) álbuns, fotos avulsas ou em grupo de personalidades estrangeiras, e) fotografias de caráter científico, antropológico, astronômico, arqueológico, biológico, etc., f) curiosidades, peças de museus e exposições, monumentos; g) retratos da Família Imperial em grupos ou avulsos nos quais toda uma sucessão de gerações é registrada.

Serão comentados a seguir aqueles de maior impacto na paisagem – a reforma do Passeio Público, da Quinta da Boa Vista e do Campo de Santana –, fotografados pelo alemão Revert Henrique Klumb, o português Joaquim Insley Pacheco e Marc Ferrez, brasileiro de ascendência francesa.<sup>6</sup>

Na segunda metade de do século XIX, Revert Henrique Klumb (nascido na Alemanha durante a década de 1830 e falecido em 1886), fotógrafo alemão radicado no Brasil, pioneiro da técnica da estereoscopia<sup>7</sup>, realiza uma ampla documentação sobre a cidade com o uso dessa técnica. Entre 1855 e 1862, ele registra, em mais de trezentas vistas, os principais logradouros e monumentos públicos, sendo o primeiro a se aventurar pelo Alto da Boa Vista e a Floresta da Tijuca (VASQUEZ, 2002, p. 14). Desse conjunto, destaca-se a documentação realizada da recente reforma do Passeio Público.



*Passeio Público por Revert Henrique Klumb (Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil)*

O Passeio Público, inaugurado em 1783, foi o primeiro jardim público do Rio de Janeiro, e tinha traçado à francesa, situado em terreno à beira-mar, que lhe dava

- 6 A coleção contém outros registros relacionados a Glaziou, como os jardins do chalé do Barão de São Clemente, fotografado pelo ateliê Henschel & Benque quando da visita imperial, ou os jardins dos palácios das princesas, registrados por Klumb. Assim como outros projetos de Glaziou seriam registrados em outras circunstâncias, como a remodelação na então Praça da Constituição, atual Praça Tiradentes, onde havia sido instalada a estatua de D. Pedro I, fotografada por Ferrez.
- 7 Técnica fotográfica que utiliza pares de fotografias para retratar uma mesma cena que, vista com visor binóculo, produz efeito de tridimensionalidade.

uma perspectiva infinita. Após alguns anos de abandono, sua reforma foi contratada em 1860, segundo plano apresentado por Francisco José Fialho e Auguste Glaziou, que previa também sua manutenção por dez anos. A nova composição agrega elementos do jardim à inglesa e atualiza sua aparência à semelhança dos parques contemporâneos europeus. No novo projeto, o ponto de vista único e ideal foi substituído pela diversidade de pontos de observação e o eixo longitudinal de simetria substituindo por uma sucessão de planos. Havia caminhos sinuosos, pavilhões, árvores, plantas nativas e água jorrando pela fonte dos jacarés, no grande tanque. As pirâmides de granito, liberadas da vegetação que as encobria, passaram a exibir os medalhões com inscrições do tempo do idealizador do Passeio Público, o vice-rei D. Luís de Vasconcelos.

A documentação fotográfica relativa ao Passeio Público, composta por vinte e oito fotos, foi realizada, provavelmente, por ocasião da inauguração do novo projeto do parque, em 1862. Nessa ocasião, Klumb estava ligado à Oficina de Paulo Robin, situado à Rua São José, que ganharia no ano seguinte a láurea de “fotógrafos de S.S.M.M.II e A.A.II”. Ele atuaria também em Petrópolis, sendo professor de fotografia das princesas imperiais e autor do livro de fotografias *Doze Horas em Diligência. Guia do Viajante de Petrópolis a Juiz de Fora* (1872), o que o tornou um dos pioneiros da edição de livros de fotografia no Brasil.

O fotógrafo faria ainda a documentação de dois outros projetos de Glaziou. Além das vistas do lago e do jardim da quinta de Mariano Procópio Ferreira Laje, em Juiz de Fora, ele registraria a visita da Família Imperial à propriedade em 1861, por ocasião da inauguração do solar e da estrada União e Indústria, e fotografaria o início da reforma do jardim frontal ao Palácio, na Quinta da Boa Vista.

A seleção iconográfica do site buscou ilustrar os elementos arquitetônicos destacados na planta desenhada da reforma conduzida por Glaziou: o chalé construído dentro do parque para moradia do administrador, o pequeno pavilhão erguido para funcionamento de um bistrô, e o lago, com sua pequena ilha. Há também fotografia de peças do Mestre Valentim, mantidas por Glaziou: o par de pirâmides de granito, que trazem medalhões de mármore branco com inscrições, e o Chafariz dos Jacarés, também conhecido como Fonte dos Amores, junto ao antigo terraço. Em algumas fotografias, há a presença de misteriosas figuras, elegantemente trajadas, que posam para o fotógrafo, como que rompendo com o realismo do registro. Entre elas, há um senhor esbelto, de fraque e cartola, de traços estrangeiros que poderia ser o próprio Glaziou.

O segundo fotógrafo a registrar um dos importantes projetos de Glaziou foi Joaquim José Pacheco (Portugal, 1830 – Rio de Janeiro, 1912), fotógrafo, pintor e desenhista. Português radicado em Fortaleza, Ceará, no fim da década de 1840,

onde se iniciou no ofício de fotógrafo, que prosseguiria em Nova Iorque, onde trabalhou como assistente de experientes profissionais, como Henry Earle Insley. De volta ao Brasil, permanece um período no Nordeste até se transferir para o Rio de Janeiro, quando instala um estúdio e adota o nome de Joaquim Insley Pacheco. Em seu estabelecimento, oferece serviços de daguerreótipos, fotos sobre papel, vidro e marfim, retratos a óleo e fotopintura. Torna-se um dos mais requisitados retratistas da Corte Imperial. Em 1855, recebe o título de “Fotógrafo da Casa Imperial” e, posteriormente, o de “Cavaleiro da Ordem de Cristo de Portugal”. Nos anos seguintes, amplia o seu negócio e aperfeiçoa-se em fotopintura.

Segundo Pedro Vasquez, Joaquim Insley Pacheco foi basicamente um retratista, “não sendo conhecidas paisagens de sua autoria. Como pintor, preferia a paisagem, que pintava diretamente *d’après nature*, reservando o auxílio precioso da fotografia apenas para os seus trabalhos comerciais de retratos em foto-pintura” (VASQUEZ, 2002, p. 31). O conjunto de fotografias da Quinta seria, portanto, uma rara contribuição do fotógrafo à documentação paisagística.



A Quinta da Boa Vista por Joaquim Insley Pacheco (Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil)

A Quinta da Boa Vista foi residência de D. João VI e dos imperadores D. Pedro I e D. Pedro II, e veio sendo ampliada e transformada ao longo dos anos. Nas melhorias providenciadas por D. Pedro I, o jardim teria sido transformado em um “admirável sítio anglo-brasileiro”, que “tornou-se com razão um objetivo habitual do passeio para a jovem família imperial”, influência, segundo Debret, do estilo do “gosto europeu introduzido nas casas de campo dos arrabaldes” (DEBRET, 2008, p. 545), como no Andaraí, Laranjeiras e Botafogo.

A partir de 1870, sob a orientação de Glaziou, a área sofreria uma grande reforma paisagista<sup>8</sup>. Ele transformou seu entorno, adequando à residência imperial; planejou e executou intervenções que ordenaram o aspecto geral do parque e também dignificaram o palácio, dentro de uma concepção paisagística romântica. Seu projeto inicial sofreu modificações principalmente por restrições orçamentárias e pela própria situação do terreno. Dentre as principais intervenções de Glaziou na Quinta da Boa Vista destaca-se a abertura da alameda das Sapucaias, que por sua forma retilínea, foge do padrão sinuoso que o paisagista privilegiava, com seu eixo colocado exatamente à frente do palácio. O parque apresenta pequenas elevações e depressões, uma área verde ajardinada e arborizada, que é entrecortada por caminhos sinuosos. O mobiliário decorativo e funcional copia a natureza. As grutas artificiais e os falsos agrupamentos rochosos isolados complementam o aspecto romântico do parque. Elementos decorativos que imitam troncos e galhos retorcidos usados em bancos, mesas e corrimões, muitos deles hoje removidos, são conhecidos principalmente pela memória iconográfica.

A documentação fotográfica relativa à Quinta foi realizada possivelmente entre 1878 e 1889, e abrange, conforme anotações da Biblioteca Nacional, tomadas do Palácio de São Cristóvão, jardins e lago, primeiro portão de entrada da Quinta, Rio Joana; reservatório de água; trechos da Estrada de Ferro Central do Brasil; ruas de São Cristóvão onde aparece o aparato de manipulação dos negativos do fotógrafo; relevo da cidade do Rio de Janeiro nas vistas tomadas de São Cristóvão.

O site apresenta registro onde se observa que Glaziou buscou exemplares da flora e fauna brasileiras, agrupando-os pelas zonas climáticas a que pertenciam, como no caramanchão na lateral do palácio; imagem da construção da grande reta que cortava o terreno, que seria guarnecida de sapucaias; vista de um dos lagos da Quinta da Boa Vista, com pequena ponte típica; uma das cascatas implantadas nas margens do lago, à margem da alameda principal; vista do terreno e seus baixos, trecho do lago e cascata e vista do Palácio Imperial, no ponto mais alto da Quinta da Boa Vista.

As fotografias do Campo da Aclamação são de autoria de Marc Ferrez (1843–1923), filho e sobrinho de escultores que integraram a Missão Francesa, e um dos mais destacados profissionais do período. Ferrez, após a morte dos pais, passa um período na França, mas retorna ao Rio de Janeiro em 1859, quando passa a trabalhar na Casa Leuzinger, estabelecimento fotográfico. Em 1865 inaugura a Casa Marc Ferrez & Cia. e exerce a profissão de fotógrafo. Em 1875, recebe convite para

---

8 As edições 170 e 178 de junho de 1870 do *Diário de Notícia* traz chamada de serviço na Quinta para trabalhadores livres, sendo que os candidatos devem procurar Glaziou no próprio local.

integrar, como fotógrafo, a expedição chefiada por Charles Frederick Hart (1840–1878) e financiada pela Comissão Geológica do Império, quando percorreu várias regiões do país. Nessa oportunidade, registra pela primeira vez os índios Botocudo, na Bahia. No ano de 1880, encomenda a confecção de uma máquina fotográfica por ele idealizada, para a execução de imagens panorâmicas em grandes dimensões. Já reconhecido como fotógrafo de paisagens, retratos e obras públicas, realiza a partir de 1903 a documentação completa das obras de construção da Avenida Central (atual Avenida Rio Branco), no Rio de Janeiro. Em 1905 a Casa Ferrez & Filhos passa a ser a representante exclusiva da firma francesa Pathé Frères e, em 1907, participa da sociedade de criação do Cine Pathé. No ano de 1915, muda-se para Paris, onde estuda fotografia em cores, até retornar, no início da década de 1920, ao Rio de Janeiro, pouco antes de sua morte. Sua obra mereceu vários estudos e pesquisas, dentre as quais se destacam os realizados por seu filho, Gilberto Ferrez, que também organizou e preservou seu acervo, em livros como *O Rio antigo do fotógrafo Marc Ferrez: paisagens e tipos humanos do Rio de Janeiro 1865-1918* (1984); *A fotografia no Brasil: 1840-1900* (1985); *Bahia: velhas fotografias 1858/1900* (1999); e *O Brasil de Marc Ferrez* (2005).



*Cascata do Campo da Aclamação por Marc Ferrez (Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil)*

O Campo de Santana era inicialmente uma área pantanosa, que no século XVIII recebeu esse nome devido à igreja erguida em homenagem a Santana. O espaço teve vários usos, sendo ocupado para manobras militares. Em 1874, após sucessivas propostas de urbanização da área, Glaziou e Francisco Jose Fialho apresentaram à Câmara Municipal um projeto para uma reformulação do local – então chamado Parque da Aclamação. Glaziou, além de elaborar o projeto, supervisionou a obra, que durou de 1873 até 1880, quando o parque foi inaugurado pelo Imperador D. Pedro II. O modelo utilizado foi aquele já empregado nos grandes parques românticos parisienses: Monceau, Buttes Chaumont e Bois de Boulogne.

O traçado sinuoso, com canteiros irregulares e árvores plantadas na periferia e a inserção de elementos que imitavam a natureza: pedras, troncos, grutas, lagos e cascatas artificiais traziam novas características ao local. Foram também inseridas outras edificações e esculturas. Também nesse projeto Glaziou harmonizou as espécies nativas com espécies europeias. No projeto, o contraste entre áreas claras e sombreadas e os percursos formados nas linhas curvas permitem o encontro com o inesperado. A água está presente nos lagos e nas cascatas. Nos anos 40 do século XX, a abertura da Av. Presidente Vargas mutilou o projeto original de Glaziou. Contudo, o Campo de Santana mantém o caráter romântico de sua concepção.

A documentação fotográfica foi realizada em 1880, por ocasião da inauguração do novo projeto do parque, e traz como identificação “Marc Ferrez, Phot, Rua S. José 88”, e a anotação “A. Glaziou, Eng.ro das obras”.

O site utilizou-se de algumas das doze imagens que compõem uma montagem fotográfica. São registros do Campo de Santana vendo-se ao fundo o prédio da Casa da Moeda, hoje sede do Arquivo Nacional, e o Morro do Senado, pontes e os lagos que compunham o modelo romântico adotado no Campo de Santana; a sede do Parque da Aclamação, onde hoje está instalada a Fundação Parques e Jardins; vistas do interior da grande gruta artificial; conjunto de rocalhas (pedras artificiais), construídas por artesãos especializados, denominados *cascateiros*, e vistas dos lagos e suas ilhas, em curvas sinuosas.

O site *Glaziou, o paisagista do Imperador*, ao articular dados textuais e registros visuais, em especial aqueles que integram a coleção fotográfica do Imperador, contribui tanto para uma melhor divulgação da trajetória do paisagista e suas realizações, como para a contextualização dos registros fotográficos de caráter paisagístico. E, desse modo, o site traz à tona questões relativas às imagens de paisagens e de projetos paisagísticos na produção fotográfica do século XIX.

A fotografia de paisagem do século XIX traz consigo a tradição da pintura de natureza, gênero subordinado dentre os consagrados na pintura neoclássica, que priorizava o histórico e o retrato, e seria também secundária nos primeiros momentos da fotografia, quando se privilegiou o retrato posado. Nesse contexto, a fotografia de paisagem somente seria promovida por encomenda expressa ou por “ambição confessá”, como Vasques qualifica a predileção de Marc Ferrez de se dedicar prioritariamente à paisagem, e ao interesse desinteressado economicamente de George Leusinger pelo tema (VASQUES, 1995, p. 24).

Contudo, Maria Inez Turazzi observa, ao comentar as fotografias enviadas para representar as riquezas do país nas Exposições Universais realizadas na segunda metade do século XIX, a abundante presença de paisagens naturais do país, pano-

ramas e vistas do Rio de Janeiro ao lado de registros dos cafezais, do crescimento das cidades e estradas ferro. Dentre as imagens da corte, destaca-se:

[...] a recriação paisagista da natureza em espaços urbanos como o Jardim Botânico, o Passeio Público e a Quinta da Boa Vista. Criação de imagens com a recriação de espaços, indicando que a experiência dos homens em torno do estudo das riquezas oferecidas pela natureza tinha também um lugar garantido no recinto das exposições (TURAZZI, 1995, p. 138).

Os registros dos projetos paisagísticos de Glaziou estiveram presentes, ao lado de fotografias de outras iniciativas modernizadoras, não somente na coleção de D. Pedro II, como em outras iniciativas de promoção do Império do Brasil. Isso confirma o reconhecimento do caráter “civilizador” do modelo de paisagismo promovido pelo paisagista francês, que oferece uma natureza domesticada em meio ao centro urbano, em contraponto à “natureza selvagem”, com suas densas florestas e sertões profundos, que se descortina a partir dos limites das cidades. E sugere novas leituras sobre os jardins e parques e suas representações no imaginário do século XIX.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Almanak Administrativo Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro*. Quarto Ano. Rio de Janeiro: Laemmert, 1847.
- BIBLIOTECA NACIONAL. Fotografias. “Colleção D. Thereza Christina Maria”. Rio de Janeiro: A Biblioteca, 1987. (Catálogo da exposição realizada na Biblioteca Nacional de 17 de março a 14 de maio de 1987).
- BRIZUELA, Natalia. *Fotografia e Império: paisagens para um Brasil moderno*. São Paulo: Companhia das Letras; Rio de Janeiro: IMS, 2012.
- CHIARELLI, Tadeu. História da arte / História da fotografia no Brasil – século XIX. Algumas considerações. *ARS (USP)*. São Paulo, v. 6, 2005.
- DEBRET, Jean Baptistte. *Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, 2008.
- DOURADO, Guilherme Mazza Dourado. *Modernidade Verde: jardins de Burle Marx*. São Paulo: Editora Senac, 2009.
- \_\_\_\_\_. *Belle Époque dos jardins*. São Paulo: Editora Senac, 2011.
- FERREIRA, Orlando da Costa. *Imagem e letra: introdução à bibliologia brasileira: a imagem gravada*. São Paulo: Edusp, 1994.
- FERREZ, Gilberto. *O Rio antigo do fotógrafo Marc Ferrez: paisagens e tipos humanos do Rio de Janeiro 1865-1918*. São Paulo: ExLibris, 1984.
- \_\_\_\_\_. *A fotografia no Brasil: 1840-1900*. Rio de Janeiro: Funarte, 1985.
- Glaziou, o paisagista do Imperador. [www.casaruibarbosa.gov.br](http://www.casaruibarbosa.gov.br). Acessado em 15.06.2012.

- HETZEL, Bia & NEGREIROS, Silvia. *Glaziou e as raízes do paisagismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Manati, 2011.
- Leituras paisagísticas: teoria e práxis 1*. Rio de Janeiro: EBA/UFRJ, 2006.
- Leituras paisagísticas: teoria e práxis 2*. Rio de Janeiro: EBA/UFRJ, 2007.
- OLIVEIRA, Luanda Jucyelle Nascimento et alii. *Chácara do Chalé: pequena história de um sonho*. Rio de Janeiro: UFRJ/EBA, 2010.
- PESSOA DOS SANTOS, Ana Maria. De caixeiro a barão: trajetória de um comerciante português no Rio de Janeiro oitocentista. *Revista do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro*, v. 5, p. 97-112, 2011.
- \_\_\_\_\_. *Anais do II Encontro Luso-Brasileiro de Museus Casas*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2011.
- REIS, Cláudia Barbosa. *Memória de um jardim – Estudo do acervo do Museu Casa de Rui Barbosa*. Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa, 2007.
- TERRA, Carlos G. *Os jardins no Brasil no século XIX: Glaziou revisitado*. Rio de Janeiro: EBA/UFRJ, 2000.
- TURAZZI, Maria. *Poses e trejeitos: a fotografia e as exposições na era do espetáculo 1839/1889*. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.
- VASQUEZ, Pedro Karp. *Dom Pedro II e a fotografia no Brasil*. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho: Cis, 1985.
- \_\_\_\_\_. *Mestres da fotografia no Brasil: Coleção Gilberto Ferrez*. Rio de Janeiro: Centro Cultural Banco do Brasil, 1995.
- \_\_\_\_\_. *Revert Henrique Klumb: um alemão na corte imperial brasileira*. Rio de Janeiro: Ed. Capivara, 2001.
- \_\_\_\_\_. *A fotografia no Império*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.

*Recebido em 10.07.2012*

*Aceito em 17.09.2012*